

O MARTELO E OS ÍDOLOS: ALEGORIA, DIAGNÓSTICO E TRANSVALORAÇÃO NO CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS DE FRIEDRICH NIETZSCHE

THE HAMMER AND THE IDOLS: ALLEGORY, DIAGNOSIS, AND TRANSVALUATION IN FRIEDRICH NIETZSCHE'S *TWILIGHT OF THE IDOLS*

 <https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-189>

Submetido em: 03/09/2026 e Publicado em: 14/09/2026

SAS: e26415

Raimundo Hernandes da Conceição Pereira

Licenciatura em Ciências Biológicas
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
E-mail: Rayhernandes98@gmail.com

Francisca Manoelle da Luz Barbosa

Licenciatura em Filosofia
Universidade do Estado do Pará – UEPA
E-mail: manoelleluz16@gmail.com

Elizabeth Sharllyda Cantanhede Santos

Mestranda em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
E-mail: Elizabethcantanhede3@gmail.com

Márcia Andréa Farias de Moraes

Mestre em Educação
Faculdade UNIDA
E-mail: Marciamoraes2211@gmail.com

Resumo

O estudo analisa a alegoria do martelo em *Crepúsculo dos Ídolos*, de Friedrich Nietzsche, com atenção às suas relações com o diagnóstico da decadência, o niilismo e o projeto de transvaloração dos valores. Trata-se de uma pesquisa teórica, de caráter bibliográfico e interpretativo, cujo objetivo é compreender de que modo a alegoria “Fala o Martelo” sintetiza aspectos fundamentais da filosofia tardia nietzschiana e amplia o significado do martelo para além de sua dimensão exclusivamente destrutiva. A metodologia baseou-se na análise filosófico-interpretativa da obra, articulada à leitura de estudos especializados sobre o pensamento de Nietzsche, com ênfase nas noções de transvaloração, decadência, niilismo e criação de valores. Os resultados indicam que o martelo assume três funções complementares: diagnóstica, ao revelar a fragilidade dos valores estabelecidos; destrutiva, ao promover a ruptura com os ídolos associados à decadência; e criadora, ao indicar a necessidade de construção de novos valores afirmativos da vida. Conclui-se que a alegoria do Diamante e do Carvão de cozinha constitui uma síntese do método filosófico



nietzschiano, na qual a dureza representa a força necessária para questionar valores consolidados e assumir a tarefa de criação de novas perspectivas.

Palavras-chave: Crepúsculo dos Ídolos; Niilismo; Transvaloração dos valores.

Abstract

The study analyzes the allegory of the hammer in Friedrich Nietzsche's *Twilight of the Idols*, with particular attention to its relationship with the diagnosis of decadence, nihilism, and the project of the transvaluation of values. It is a theoretical study of a bibliographic and interpretative nature, whose objective is to understand how the allegory "The Hammer Speaks" synthesizes fundamental aspects of Nietzsche's late philosophy and broadens the meaning of the hammer beyond its exclusively destructive dimension. The methodology was based on a philosophical and interpretative analysis of the work, combined with the reading of specialized studies on Nietzsche's thought, with emphasis on the notions of transvaluation, decadence, nihilism, and the creation of values. The results indicate that the hammer assumes three complementary functions: diagnostic, by revealing the fragility of established values; destructive, by promoting a rupture with the idols associated with decadence; and creative, by indicating the need to construct new values that affirm life. It is concluded that the allegory of the Diamond and the Kitchen Coal constitutes a synthesis of Nietzsche's philosophical method, in which hardness represents the strength required to question established values and undertake the task of creating new perspectives.

Keywords: Nihilism; Transvaluation of values; *Twilight of the Idols*.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Crepúsculo dos Ídolos*, escrita por Friedrich Nietzsche (1844-1900), encerra-se com um pequeno diálogo alegórico intitulado "Fala o Martelo". Nele, duas personagens, o Diamante e o Carvão de cozinha, protagonizam uma cena de reconhecimento e confronto que, à primeira vista, poderia ser lida como um simples ornamento literário ao final de uma obra considerada polêmica. No entanto, este artigo sustenta o contrário, a alegoria funcionaria como uma síntese poética de todo o projeto filosófico anunciado no livro: a chamada "transvaloração de todos os valores", empreendimento que, infelizmente, Nietzsche não chegou a concluir e do qual *Crepúsculo dos Ídolos* constitui, em suas próprias palavras, uma introdução.

O objetivo deste trabalho é, portanto, ir além do comentário estritamente interno ao texto e situar a alegoria do martelo no interior do debate crítico sobre o sentido dessa ferramenta na filosofia tardia de Nietzsche. Para tanto, o artigo articula três movimentos. Em primeiro lugar, situa *Crepúsculo dos Ídolos* no conjunto da produção de 1888 do filósofo, explicitando a relação entre o subtítulo do livro e o projeto da



transvaloração. Em segundo lugar, retoma a leitura interna da alegoria, a proveniência do diálogo em *Assim Falou Zaratustra*, a caracterização das personagens e a lógica da dureza que nele se desenvolve. Em terceiro lugar, incorpora a discussão da literatura secundária sobre a polissemia do martelo nietzschiano, relacionando-a ao diagnóstico da decadência niilista figurada pelo carvão de cozinha. Argumenta-se, ao final, que a alegoria não se reduz a um gesto iconoclasta, mas reúne, em forma condensada, as três funções: a diagnóstica, a destrutiva e a criadora, que a crítica atribui ao martelo nietzschiano.

A justificativa para esse percurso decorre de uma constatação simples, mas frequentemente negligenciada pelos comentadores: Nietzsche não escolhe encerrar seu último livro publicado com um tratado conclusivo, mas com um diálogo breve, de tom quase fabular. Essa escolha não é indiferente ao conteúdo que se pretende comunicar. Se, como se argumentará, o martelo reúne a função do diagnóstico, da destruição e da criação em um único gesto, então também a forma escolhida por Nietzsche, o aforismo, a alegoria, a sentença condensada, precisa ser compreendida como parte constitutiva desse mesmo método filosófico, e não como mero ornamento retórico externo ao pensamento que veicula.

2 CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS NO HORIZONTE DE 1888: O PROJETO DA TRANSVALORAÇÃO

Nietzsche, já em seu prefácio, apresenta o *Crepúsculo dos Ídolos*, como "uma grande declaração de guerra" contra os ídolos "eternos", "convencidos" e "os mais acreditados" de sua época. O subtítulo do livro, ou como se filosofa com o martelo, não é acessório: segundo observa Matilde (2013), a tarefa da transvaloração de todos os valores está anunciada logo na abertura do livro, retorna em seu núcleo, no capítulo dedicado aos "quatro grandes erros", e reaparece em seu encerramento, no capítulo "O que devo aos antigos". A transvaloração marca, assim, a obra do início ao fim, e o próprio fato de o livro se constituir como exercício de um "filosofar com o martelo" permite estabelecer uma relação íntima entre essa ferramenta e o empreendimento transvalorador.

Essa declaração de guerra se desdobra, ao longo dos capítulos do livro, em ataques dirigidos a alvos específicos: o "problema de Sócrates", a "razão" na filosofia, a moral como antinatureza, os "quatro grandes erros" e os chamados "melhoradores" da humanidade (Nietzsche, 2017). Cada um desses capítulos pode ser lido como um golpe de martelo desferido contra um ídolo em particular, a racionalidade socrática, a gramática que sustenta a crença em um "eu" substancial, a moral cristã, os sistemas que pretendem corrigir o homem em nome de uma natureza idealizada. A alegoria final, nesse sentido, não introduz um tema novo: ela recapitula, em forma condensada, o procedimento que o livro inteiro já praticara capítulo a capítulo.

Essa relação se reforça quando se observa a gênese editorial do livro. Ao abandonar o projeto de maior fôlego intitulado *A Vontade de Potência*, Nietzsche deu à luz, em seu lugar, quatro obras de 1888: *Caso Wagner*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *O Anticristo* e *Ecce Homo*. *O Anticristo*, aliás, chegou a ser



apresentado, no interior de *Crepúsculo dos Ídolos*, sob o título provisório de Transvaloração de todos os valores, antes de se tornar, ele próprio, todo o empreendimento de mesmo nome (Matilde, 2013). Esse entrelaçamento editorial sugere que martelo e a transvaloração nascem do mesmo solo filosófico e habitam um único horizonte de sentido. Compreender a alegoria final de *Crepúsculo dos Ídolos* exige, portanto, situá-la nesse horizonte mais amplo: o do último Nietzsche empenhado em diagnosticar, destruir e substituir as tábuas de valores que, a seu ver, sustentavam a decadência da cultura ocidental.

É significativo, ainda, que *Crepúsculo dos Ídolos* dedique um de seus capítulos finais ao tema "O que devo aos antigos", no qual Nietzsche reivindica sua filiação a uma tradição grega anterior a Sócrates, sobretudo trágica e dionisiaca, chegando a apresentar-se como discípulo do deus Dioniso e mestre do eterno retorno, em contraposição à tradição racionalista que identifica como fonte da decadência ocidental (Stein, 2020). Esse gesto de filiação seletiva mostra que a "guerra" declarada pelo martelo não é indiscriminada: o filósofo destrói certos ídolos precisamente para poder reafirmar, com igual convicção, outros valores que julga ainda vivos. A alegoria "Fala o Martelo", ao encerrar o livro logo após esse capítulo, selando essa dupla operação de destruição e reafirmação em uma imagem única.

3 A ALEGORIA DO DIAMANTE E DO CARVÃO: PROVENIÊNCIA E ESTRUTURA DO DIÁLOGO

A citação "Fala o Martelo", que fecha *Crepúsculo dos Ídolos* (1889), é retirada, com pequenas modificações, de *Assim Falou Zaratustra* (1883) (Stein, 2020): trata-se de um diálogo alegórico entre o Diamante e o Carvão de cozinha, ou "Carvões", no plural, como o próprio diálogo deixa entrever. As duas personagens ilustram elementos constitutivos do projeto filosófico de Nietzsche, o qual, em sua totalidade, era a já referida "transvaloração de todos os valores". O Diamante representa, na alegoria, o próprio "martelo", instrumento do qual Nietzsche lança mão para auscultar ou perscrutar os "ídolos" e ante o qual, segundo o filósofo, "[...] o que queria guardar silêncio tem de manifestar-se..." (Nietzsche, 2017, p. 7). O Carvão de cozinha, a quem o diamante se dirige logo no início do diálogo chamando-o de "meus irmãos", representa os diversos ídolos a serem tocados por esse martelo.

Vale notar que a escolha de um diálogo breve, e não de um argumento sistemático, para encerrar o livro corresponde a uma opção deliberada de método. Nietzsche declara alhures que sua ambição é dizer em poucas frases o que outros diriam em um livro inteiro, ou o que outros, segundo ironiza, sequer conseguiriam dizer em um livro. A forma aforismática, da qual a alegoria "Fala o Martelo" é uma variante dialogada, permite ao filósofo evitar a arquitetura de sistema que ele associa, precisamente, ao tipo de pensamento decadente que pretende combater. Recusar a linearidade do sistema é, também, uma maneira de filosofar com o martelo: golpes breves e certos substituem a longa argumentação (Matilde, 2013).



O diálogo tem início pelo reconhecimento, por parte do carvão, da genuína dureza do diamante, "por que tão duro?", questiona. Trata-se de uma dureza que se pode relacionar à firmeza, à maciez ou, melhor, à força, conforme a máxima segundo a qual "apenas o excesso de força é prova de força" (Nietzsche, 2017, p. 7). É dureza ou força genuínas na medida em que se contrapõem à fragilidade do carvão, fragilidade que se manifesta em sua susceptibilidade a ruir, a ceder, pois os ídolos são, na verdade, "ocos", desprovidos de consistência, meramente artificiais.

Chama a atenção, ainda, o vocativo fraterno com que o diamante se dirige ao carvão, "meus irmãos". Ele indica que as duas personagens não são substâncias inteiramente estranhas uma à outra: ambas resultam, em última análise, do mesmo elemento, submetido a condições diferentes, uma que produz dureza extrema, outra que produz friabilidade. A alegoria explora essa proximidade de origem para tornar mais incisiva a exigência final: não se trata de destruir um inimigo externo e radicalmente outro, mas de transformar aquilo que já está ali, em germe, no próprio carvão. O uso do plural "Carvões" reforça essa leitura: não há um único ídolo a ser martelado, mas uma multiplicidade deles, todos irmanados pela mesma fragilidade constitutiva, o que também explica por que o livro, capítulo após capítulo, ataca sucessivamente Sócrates, os moralistas, os chamados "melhoradores" da humanidade e os alemães, sem se deter em um único alvo.

4 O MARTELO COMO INSTRUMENTO MÚLTIPLO: AUSCULTAR, DESTRUIR E CRIAR

A fortuna crítica sobre o *Crepúsculo dos Ídolos* reconhece, no instrumento anunciado pelo subtítulo, ao menos três acepções não excludentes. A primeira, mais imediata, é a iconoclasta: o martelo como marreta que destrói ídolos, coerente com a declaração de guerra do prefácio. Diante das acusações do jornal alemão *Der Bund*, que qualificara Nietzsche de "dinamite", o filósofo converteu a depreciação em elogio, afirmando, em *Ecce Homo*, "Eu não sou homem, sou dinamite" (Nietzsche apud Matilde, 2013, p. 49). Essa vertente demolidora corresponde, na alegoria, às ações que o carvão atribui ao diamante: "cintilar", "cortar", "retalhar", ou em uma palavra, "destruir".

Para a maior parte dos comentadores, contudo, essa não é a acepção mais relevante. Mais produtiva é a leitura do martelo como instrumento de diagnóstico: um diapasão usado por um "médico da cultura" para auscultar o som oco que os ídolos emitem quando percutidos, revelando os sintomas de decadência que se escondem sob aquilo que é venerado (Matilde, 2013). É exatamente esse sentido diagnóstico que a alegoria evoca quando o martelo faz com que "o que queria guardar silêncio tenha de manifestar-se", a auscultação que expõe o vazio interior do carvão.

Há, por fim, uma terceira vertente, construtiva, na qual o martelo é comparado ao instrumento do mineralogista, ao tridente que seleciona o que há de mais valioso, ou ainda às ferramentas do ferreiro, do escultor e do legislador, todas remetendo à elaboração de novas tábuas de valores, mais duras e resistentes que as anteriores. Não à toa, o primeiro capítulo de *Crepúsculo dos Ídolos* se intitula "Sentenças e flechas".



Essa vertente corresponde, no diálogo alegórico, ao desfecho legislador do martelo: o imperativo "tornai-vos duros", que converte a dureza de instrumento de ruptura em condição de criação.

A crítica especializada discute se uma dessas três acepções deveria subordinar as demais, como sugere a leitura que remete o martelo à doutrina do eterno retorno, a partir de um fragmento póstumo de 1884, ou se, ao contrário, diagnóstico, destruição e criação constituem vertentes de igual peso, articuladas como partes de um único instrumento orgânico a serviço da transvaloração (Matilde, 2013). Adota-se aqui esta segunda posição: a alegoria "Fala o Martelo" reúne, em poucos parágrafos, as três dimensões do instrumento, o que explica por que o diálogo funciona tão bem como síntese conclusiva de todo o livro.

Essa querela interpretativa remonta a leituras anteriores da obra, como as de Mazzino Montinari, um dos organizadores da edição crítica dos escritos de Nietzsche, que já destacava o caráter bélico de *Crepúsculo dos Ídolos* em relação ao restante do corpus nietzschiano, e as de comentadores que se debruçaram especificamente sobre o sentido do martelo no prefácio do livro (Matilde, 2013). O que essas leituras têm em comum é reconhecer que nenhuma das três acepções, a auscultação, a destruição e a criação, podem ser descartadas sem que haja o empobrecimento sobre a compreensão do texto nietzschiano.

5 NIILISMO E DECADÊNCIA: A FRAGILIDADE DO CARVÃO DE COZINHA

Os ídolos, para Nietzsche, são representações mentais, ideias ou derivativos antinaturais erigidos sob o nome de valores, derivativos, na medida em que desnaturalizam o homem e o desviam de sua "vontade de potência". Segundo o filósofo, "é em sua natureza selvagem que o indivíduo se refaz melhor de sua desnatureza, de sua espiritualidade..." (Nietzsche, 2017, p. 7). Também são ídolos as figuras imputadas como autoridade, Sócrates, Platão, Aristóteles que, nas palavras do próprio Nietzsche, "são tipos da decadência", do "cansaço da vida", da negação ou castração desta.

O carvão de cozinha parece condensar os traços dessa decadência a que Nietzsche denomina niilismo: uma negação constante da vontade de vida, um anular-se que aspira ao estável e ao inexorável. A condescendência e o comodismo são, nesse sentido, os indícios de sua fragilidade. A leitura de Benedito Nunes sobre o niilismo é aqui pertinente: para o filósofo paraense, o pensamento nietzschiano tardio elabora um diagnóstico da cultura ocidental como movimento de negação da vida que se dissimula sob a forma de valores supostamente eternos (Nunes, 1993). Em direção convergente, a literatura sobre a Genealogia da Moral relaciona o niilismo ao ideal ascético, mostrando como este radicaliza a negação da vida ao passo que o filósofo autêntico, figura que é análoga ao diamante da alegoria, buscaria condições afirmativas para sua própria obra criadora (Araldi, 2019).

A oposição entre carvão e diamante pode ainda ser lida à luz da distinção, corrente nos estudos nietzschianos, entre um niilismo passivo e um niilismo ativo. O primeiro corresponde à atitude de quem, tendo constatado a ausência de fundamento último para os valores, resigna-se e busca refúgio na



estabilidade e na negação da própria vontade, postura que a alegoria atribui ao carvão, com sua "condescendência" e seu "comodismo". O niilismo ativo, ao contrário, não se detém na constatação niilista, mas a transforma em impulso destruidor e, em seguida, criador de novos valores, movimento que o diamante encarna desde o primeiro verso do diálogo. A distinção, corrente na fortuna crítica sobre o niilismo nietzschiano (Araldi, 2019), ajuda a explicar por que a alegoria não opõe simplesmente "força" e "fraqueza" em termos absolutos, mas dois modos distintos de reagir a uma mesma constatação sobre o esvaziamento dos antigos ídolos.

Do ponto de vista da fisiologia da vontade, categoria cara ao último Nietzsche, essa oposição também pode ser descrita em termos de excesso e escassez de força: o carvão de cozinha não dispõe de energia suficiente para suportar a perda dos ídolos que o sustentam, ao passo que o diamante, justamente por possuir excedente de força, pode dar-se ao luxo de destruir sem perecer nesse gesto. A alegoria sugere, assim, que a dureza criadora não é um dom gratuito, mas uma conquista fisiológica e existencial: torna-se duro quem acumula força suficiente para suportar a autodestruição dos próprios ídolos sem sucumbir ao niilismo passivo que essa perda poderia, em princípio, provocar.

6 "TORNAI-VOS DUROS": A DUREZA COMO CONDIÇÃO DA CRIAÇÃO

Seria a destruição a única propriedade do martelo? Não haveria, também nesse gesto, alguma função positiva? Nietzsche responde afirmativamente: "[...] até no ferimento se acha poder curativo" (Nietzsche, 2017, p. 7). Toda destruição, sob essa ótica, representa um recomeço, um meio oportuno, um "acaso feliz", a convalescença de uma condição insalubre, condição da qual o carvão de cozinha padece. É preciso, portanto, que ele se torne genuinamente duro como o diamante, "pois todos os que criam são duros": eis a máxima legada pelo diamante ao carvão, "tornai-vos duros!".

Essa exigência de dureza reaparece em outras obras do mesmo período. Em *Ecce Homo*, Nietzsche associa a dureza do martelo a uma tarefa dionisíaca, afirmando que o prazer no aniquilar é, para ele, inseparável do próprio impulso afirmativo, obedecer à natureza dionisíaca significaria não saber separar o dizer-não do dizer-sim (Matilde, 2013). A dureza, assim compreendida, não é crueldade gratuita, mas pré-condição de toda criação genuína: apenas quem suporta destruir os próprios ídolos pode, em seguida, erguer novas tábuas de valores. O imperativo final da alegoria condensa, portanto, o movimento completo do martelo, diagnóstico, ruptura e criação, em um único apelo dirigido não apenas ao carvão de cozinha, mas a todo leitor disposto a abandonar a comodidade dos ídolos.

Cabe observar, por fim, que a dureza reivindicada pelo diamante não deve ser confundida com insensibilidade ou crueldade gratuita. Trata-se antes de uma disposição para suportar a perda das certezas confortáveis que os ídolos ofereciam, sem por isso recuar diante da tarefa de criar novas tábuas de valores. Nesse sentido, o "tornai-vos duros" da alegoria dialoga com a exigência, presente em outras passagens da



obra tardia de Nietzsche, de que o filósofo do futuro seja também um legislador: alguém capaz não apenas de diagnosticar a decadência e destruir os ídolos que a sustentam, mas de assumir a responsabilidade e o risco de propor, em seu lugar, novos valores afirmativos da vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura aqui proposta procurou mostrar que a alegoria "Fala o Martelo", longe de ser um mero apêndice literário, sintetiza poeticamente o projeto filosófico que atravessa o *Crepúsculo dos Ídolos*. O diálogo entre o Diamante e o Carvão de cozinha reencena, em poucos parágrafos, as três funções que a crítica atribui ao martelo nietzschiano: a auscultação diagnóstica que expõe o vazio dos ídolos, a destruição que os reduz a escombros e a criação de novas tábuas de valores que a dureza torna possível. Situar essa alegoria no horizonte mais amplo do projeto de transvaloração de todos os valores e no diagnóstico do niilismo como decadência da vontade de potência, permite compreender por que Nietzsche escolheu justamente esse pequeno diálogo, e não um tratado sistemático, para encerrar o livro que se autodenomina exercício de filosofar com o martelo.

Fica em aberto, para investigações futuras, a comparação entre essa alegoria e sua fonte original em Assim Falou Zaratustra, de modo a precisar em que medida as "pequenas modificações" introduzidas em *Crepúsculo dos Ídolos* alteram o sentido do diálogo dentro do projeto tardio de transvaloração. De todo modo, a análise conduzida neste artigo já permite afirmar que "tornai-vos duros" não é apenas uma máxima de efeito, mas a formulação mais concisa de todo o método filosófico do martelo.

REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir. Niilismo e ideal ascético: acerca do valor do ascetismo na genealogia nietzschiana. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 20, n. 2, p. 175–183, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/fsu.2019.202.07>. Acesso em: 13 mai. 2026.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche: da genealogia à transvaloração dos valores. **Aufklärung**, João Pessoa, v. 7, n. esp., p. 97–108, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18012/arf.v7iesp.56769>. Acesso em: 02 ago. 2026.
- MATILDE, Braian Sanches. O martelo transvalorador. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 48–55, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/tragica.v6i2.26679>. Acesso em: 25 jun. 2026.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- NUNES, Benedito. **Filosofia Contemporânea**. 2. ed. Belém: Editora da UFPA, 2004, p. 71-80.
- NUNES, Benedito. **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1993.